

4

Os Documentos e a cultura de sua época: O português escrito na época medieval.

Bibliografia Específica:

- CASTRO, Ivo. Introdução à História do Português. Lisboa: Edições Colibri, 2004. 2a ed, 2006.
- CASTRO, Ivo. A primitiva produção escrita em português. Orígenes de las lenguas romances en el Reino de León. Siglos IX-XII, León, Centro de Estudios e Investigación San Isidoro, 2004, vol. II, p. 69-97.9
- CASTRO, Ivo. Curso de história da língua portuguesa. Lisboa: Universidade Aberta, 1991.
- CINTRA, Luís Felipe Lindley. Sobre o mais antigo texto português. Boletim Nacional de Filologia. Lisboa, 1990.
- COSTA, Avelino de Jesus - Os mais antigos documentos escritos em português: revisão de um problema histórico-linguístico. In Estudos de cronologia, diplomática, paleografia e histórico-linguísticos. Coimbra: Centro de História da Sociedade e da Cultura da Universidade de Coimbra, [s.d.]. http://cvc.instituto-camoes.pt/hlp/biblioteca/estudos_de_cronologia.pdf
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.
- TEYSSIER, Paul. História da Língua Portuguesa. Lisboa: Sá da Costa, 1997. [Capítulo 1: Do latim aos primeiros textos do galego-português.]

 *Análise de Documentos:* Documentos notariais e de chancelaria (século XIII)

→ *Anexos:*

- Apontamentos de fonética histórica
 - “Notícia de Torto” - edição
 - “Notícia de Torto” – comentário linguístico
-

I. A produção primitiva portuguesa: contexto e relevância (cf. *resumo 3*)

“Aquilo que chama imediatamente a nossa atenção quando empreendemos a análise linguística da Notícia de Torto - que, como ficou atrás dito, agora sabemos seguramente ter sido redigida entre 1214 e 1216 nos arredores de Braga - é o caráter arcaico e hesitante da sua maneira de representar os sons do galego-português antigo” (Cintra, 1990).

> Aspectos fonéticos do português com maiores desafios de representação gráfica nos textos mais antigos:

- Consoantes Palatais
- Africadas ou fricativas dentais provenientes da palatalização de outras consoantes
- Representação das vogais e ditongos nasais

cf. Anexos:

- Anexo 1: “Notícia de Torto” - edição
- Anexo 2: “Notícia de Torto” – comentário linguístico
- Anexo 3: Apontamentos de fonética histórica

II. A “Notícia de Torto”: Análise de grafias interessantes

1. Quanto à lateral posterior [ʎ] e à nasal posterior [ɲ]

Lateral posterior

Grafias: ~<l> → <lh>

filiaru	‘filharam’	[45]
filaru	‘filharam’	[13]
li	‘lhe’	[3, ...]
carvalio	‘carvalho’	[21, ...]

Nasal posterior

Grafias: <ni> ~ <n> → <nh>

quiniõ	‘quinhão’	[16]
quinõ	‘quinhão’	[17]
quinnõs	‘quinhões’	[15]
Coina	‘Cunha’	[18]

2. Quanto às constrictivas posteriores [ʃ] ([ʃ]?) ; [ʒ] ([dʒ]?)

Constrictiva posterior surda (?) - [ʃ] ([ʃ]?):

Grafias: <x>, <xc>, <g>, <i> → <x>, <ch>

lexarẽ	‘deixarem’	[10]
lecxasẽ	‘deixassem’	[9]

agou	‘achou’	[29]
agarũ	‘acharam’	[49]
gacarũno	‘chagaram-no’	[51]
gacarũnos	‘chagaram-nos’	[52]

iagarũnos	‘chagaram-nos’	[54]
------------------	----------------	------

Obs.: linhas [49-54]:

“[49] Otra uice(?) uenerũli filar ante seus filios qua[n]to qve li **agarũ** ã quele
 [50] casal.E furũli u ueriar e prenderũ ãde o cõlazo unde mamou[o lec]
 [51] te e **gacarũno** e getarũ in terra polo cecar e le[ua]rũ delle qua[n]to oue.
 [52] Ì alia uice ar furũ a Feracĩ e pre[n]derũ II oméés e **gacarũnos** e leuarũ
 [53] deles qua[n]to que ouerũ. I otra fice ar pre[n]derũ otros II^{os} a se[u] irmano *Pelagio*
 [54] Fernãdiz e **iagarũnos**. [...]”

Constrictiva posterior sonora (?) - [ʒ] ([dʒ]?):

Grafias <g>, <i>, <gi>, <s> → <j>

aguda	‘ajuda’	[27]
agudas	‘ajudas’	[28]
aiuda	‘ajuda’	[29, 30]
aiudas	‘ajudas’	[31, 32]

Pelagio	‘Pelajo’	[53, 55]
beiso	‘beijo’	[21: “E rogou o abate tão que beiso <i>cũ illes</i> ”]

3. Quanto à oclusiva posterior sonora [g]

Oclusiva posterior sonora:

Grafias <g>, <c> → <g>

gacarũno	‘chagaram-no’	[51]
gacarũ	‘chagaram’	[52]
cecar	‘cegar’	[52]

(Obs.: ver no contexto, linhas [49-54] acima)

4. Quanto à representação da nasalidade - [N]

Grafias: <ã>, <ẽ>, <ĩ>, <õ>, <ũ>

<an>/<en>/<in>/<on>/<un>, <am>//<im>/<om>/<um>

- Exemplos de grafias <an>/<en>/<in>/<on>/<un>, <am>//<im>/<om>/<um> que permanecem no português moderno:

seem	‘sem’	[4]	
tem	‘tem’	[19]	
quanto	‘quanto’	[24]	(<i>mas</i> : daquãto , [3])
nunqua	‘nunca’	[15, ...]	(<i>mas</i> : nũqua [16, 17])
unde	‘onde’	[15, ...]	(<i>mas</i> : ũde [18])
unnde		[17]	(<i>mas</i> : ũde [18])
man/do	‘mandou’	[13/14]	(<i>mas</i> : mãdoc [36])

- Exemplos de grafias <an>/<en>/<in>/<on>/<un>, <am>//<im>/<om>/<um> que *não* permanecem no português moderno:

pam	‘pão’	[38]	
pane	‘pão’	[46]	
irmana	‘irmã’	[6, 37]	(<i>lembrar</i> : irmãã)
irmano	‘irmão’	[53]	
Cebolano	‘Cebolão’	[28]	

- Exemplos de grafia <un> que ‘passa’ a <um> no português moderno:

uno	‘um’	[3, 18]	(<i>lembrar</i> : ũũ)
------------	------	---------	--------------------------------

- Exemplos de grafias <ã>, <ẽ>, <ĩ>, <õ>, <ũ> que *não* permanecem no português moderno:

(a) Na posição medial

<ã> → <an>

quebrãtado	‘quebrantado’	[19]	
tãto	‘tanto’	[3, 36]	
daquãto	‘de quanto’	[3]	(<i>mas</i> : quanto, [24])
mãdato	‘mandato’	[10]	
mãdoc	‘mandou’	[36]	(<i>mas</i> : man/do [13/14])

<ô> → <on>

mõtes	‘montes’	[23]
desõras	‘desonras’	[42]

<ũ> → <on>, <un>

desũro	‘desonrou’	[24]	
desũrar	‘desonrar’	[37]	
ũde	‘onde’	[18]	(<i>mas</i> : unde [15], unnde [17])
nũqua	‘nunca’	[16, 17]	(<i>mas</i> : nunca [15])

<ẽ>, <ĩ> → <en>

uẽcestes	‘vencestes’	[38]
ĩtregarẽ	‘entregarem’	[10]

(b) Na posição final

<ô># → <ão>#

prisõ	‘prisão’	[23]
quiniõ	‘quinhão’	[16]
rezõ	‘razão’	[40]
nõ	‘não’	[18]

<ũ># → <om>#

dũ	‘dom’	[11]
cũ	‘com’	[13,37, 38...]

<ã># → <ão># (?)

tã	‘tão’ (?)	[23: “e fecerũles tã máá prisõ”]
----	-----------	----------------------------------

(c) Casos especiais: grafias <ẽ>, <ũ> em terminações verbais

<ẽ># → #

lexasẽ	‘deixassem’	[9]
uẽcesẽ	‘vencessem’	[9]
lecxasẽ	‘deixassem’	[9]
lexarẽ	‘deixarem’	[10]
ĩtregarẽ	‘entregarem’	[10]
cõuẽ	‘convem’	[4]
devẽ	‘devem’	[20]

<ũ># → <am>#

forũ	‘foram’	[6]	
ouerũ	‘houveram’	[20]	
agarũ	‘acharam’	[49]	
gacarũ	‘chagaram’	[52]	
gacarũno	‘chagaram-no’	[51]	
amazarũli	‘amassaram-lhe’	[35]	
com/erũsilo	‘comeram-se-lho’	[43/44]	
furũ	‘foram’	[26]	(<i>mas</i> : furu, [26])

Obs. 1: formas –ũ/-ẽ em terminações verbais, refeitas pelo editor:

defructarũ	‘desfrutaram’	[14]
derũ	‘deram’	[18, ...]
cõnocerũ	‘conheceraam’	[7]
fecerũ	‘fizeram’	[1]
podesẽ	‘pudessem’	[3]

Obs. 2: Um caso de terminação verbal <on># → <am>#

pre[n]deronli	‘predenderam-lhe’	[22: “[...] E de pos iste <i>p/lecto</i>
pre[n]deronli ¹¹	o	seruical otro [23] ome de sa casa. [...]]”

(*nota 11*: “prenderonli: no ms., pred’r’on, o n está cortado por um traço horizontal e li está escrito na entrelinha depois de r e quase sobre on.”)

(d) Casos especiais: nomes próprios (posição medial e final)

<ã>, <õ>, <ĩ> → <an>, <on>; <im>#

Fernãdiz	‘Fernandes’	[1, ...]	
Gõcaluiz	‘Gonçalves’	[5, ...]	
Gõcauo	‘Gonçalo’	[1, ...]	(<i>mas</i> : Goncaluo [31])
Martĩ	‘Martim’	[12]	
Verracĩ	‘Varzim’	[35]	(<i>mas</i> : Ueracim [14])

III. Pontos essenciais de fonética histórica

1. Principais mudanças fonéticas – do latim ao português (consoantes)

1.1 Processos no quadro das palatais e sibilantes

Ivo Castro (2004):

O latim depositou no galego-português, em todo território, uma distinção entre as sibilantes provenientes do s latino, consoante que era apenas surda mas que, na evolução posterior do latim falado, se desdobrou numa correspondente sonora, igualmente grafada com s, mas que corresponde ao fonema /z/ quando se encontra em posição intervocálica. Este par, de /s/ surdo e /z/ sonoro, era articulado durante o português medieval como fricativo ápico-alveolar, possivelmente pouco palatalizado. Por outro lado, no português medieval havia um par de consoantes derivadas de vários sons latinos, mas principalmente do c, pronunciado /k/. Esta consoante, quando seguida de vogal palatal [e] ou [i], transformara-se numa africada palatal [tʃ], (...), a qual despalatalizou para uma africada predorso-dental [ts], por sua vez desdobrada numa correspondente sonora [dz]. No português medieval, este par [ts]/[dz], que correspondia às grafias c e z, com a variante ç para as surdas, sofreu um desfricamento (com perda do elemento oclusivo), e foxou-se no par de fricativas predorso-dentais /s/ e /z/, fonologicamente distintas das ápico-alveolares (...). Assim, era muito fácil distinguir pela pronúncia e pela escrita as palavras servo (criado) e coser (costurar) de cervo (veado) e cozer (cozinhar). Enquanto as primeiras tinham pronúncia apical, as sibilantes de cervo e cozer eram predorsais.

Paul Teyssier (1997):

As consoantes: a palatalização — Entre as inovações fonéticas do latim imperial, algumas terão conseqüências importantíssimas. É o caso da palatalização. Nos grupos escritos *ci*, *ce* e *gi*, *ge*, as consoantes *c* e *g* pronunciavam-se em latim clássico como as iniciais das palavras portuguesas *quilha*, *queda eguizo*, *guerra*, ou seja, eram oclusivas velares. Mas em latim imperial o ponto de articulação destas consoantes aproximou-se do ponto de articulação das vogais *i* e *e* que se lhes se guiam, isto é, da zona palatal, levando à pronúncia: [kyi], [kye] e [gyi], [gye]. Esta palatalização iniciou-se já na época imperial em quase toda a România e iria ocasionar modificações importantes: [kyi], [kye] passaram a [tʃi], [tʃe] e, finalmente, a [tsi], [tse]; ex.: *ciuitatem* > port. *cidade*, *centum* > port. *cento*, reduzido a *cem*. Para os grupos *gi*, *ge* o resultado da palatalização será inicialmente um *yod* puro e simples [y] que desaparece em posição intervocálica; ex.: *regina* > port. *rainha*, *frigi dum* > port. *frio*. Mas, em posição inicial, este *yod* passa a [dʒ]; ex.: *gente* (donde o *g* representa na Idade Média [dʒ]). O *yod* inicial saído de *gi*, *ge* confundiu-se, pois, com o que provinha diretamente do latim clássico e que, naturalmente, também deu [dʒ]; ex.: *inlium* > port. *julho*. Em galego-português medieval os grupos *gi*, *ge* e *ju* eram pronunciados em todas estas palavras [dʒi], [dʒe] e [dʒu]. Em várias outras palavras um *i* ou um *e* não tônicos, seguidos de uma vogal, eram pronunciados *yod* em latim imperial; ex.: *pretium*, *platea*, *hodie*, *video*, *facio*, *spongia*, *filium*, *seniorem*, *teneo*. Resultaram daí os grupos fonéticos [ty], [dy], [ly] e [ny] que se palatalizaram em [tʃy] e [dʃy], [lh] e [nh]. Para os grupos [ky], [gy], ex.: *facio*, *spongia*, a palatalização chega inicialmente a [tʃy] e [dʃy], mas os resultados definitivos serão complexos, pois dependerão da posição na palavra e do caráter mais ou menos popular dessa palavra. Ter-se-á, por exemplo, *pretium* > port. *preço*, *pretiare* > port. *preçar*, *platea* > port. *praça*, *hodie* > port. *hoje*, *medium* > port. *meio*, *video* > port. *vejo*, *facio* > port. *faço*, *spongia* > port. *esponja*. Em galego-português medieval as letras *c*, *ç* e *j* representavam, respectivamente, em todas estas palavras, as africadas [ts], [dz] e [dʒ]. Na origem destas transformações fonéticas há sempre, em latim imperial, uma palatalização. Quando o *yod* proveniente de *i* e *e* em hiato vinha de pois de *-ss-*, esta consoante passou a [ʃ] transcrito pela letra *x*; ex.: *nīssēum* > *roxo*. Finalmente, quando *l* ou *n* eram seguidos de um *yod*, originário de *i* e *e* em hiato, estas consoantes passaram a [lh] e [nh] palatais ou “molhados”; ex.: *filium* > port. *filho*, *seniorem* > port. *senhor*, *teneo* > port. *tenbo*. Como podemos verificar, estes de palatalização, iniciados já na época impe tiveram conseqüências importantes no sistema fonológico da língua. Como resultado, o galego-português medieval apresenta ria seis-fonemas novos: /ts/; /dz/; /dʒ/; /ʃ/; /lh/; /nh/.

Palatalização – Quadro de exemplos:

<i>Latim</i>		<i>Português padrão, séc. XVI</i>			
/-s-/		> /z/		<s>	
causa		> cau/z/a		cousa	
rosa		> ro/z/a		rosa	
pausare		> pou/z/ar		pousar	
/-k-/		> /z/		<z>	
acetu		> a/z/edo		azedo	
medicina		> me/z/inha		mezinha	
luce	> lu/z/e	> lu/z/		luz	
radice	> rai/z/e	> rai/z/		raiz	
voce	> vo/z/e	> vo/z/		voz	
pace	> pa/z/e	> pa/z/		paz	
/k-/ i		> /s/		<c>	
ciuitatem	> /ts/idade	> /s/idade		cidade	
/k-/		> /tj/		> /ts/	
centu	> [tj]ento	> [ts]ento		> /s/ento	
cista	> [tj]esta	> [ts]esta		> /s/esta	
/-k-/		> /tj/		> /ts/	
facere	> fa[tj]ere	> fa[ts]er		> /dz/	
		> fa[dz]er		> /z/	
				fazer	
/-kj-/		> /tj/		> /ts/	
facie	> fa[tj]e	> fa[ts]e		> /s/	
facio	> fa[tj]o	> fa[ts]o		> fa/s/e	
				> fa/s/o	
				face	
				faço	
/ti/		> /ts/		> /s/	
fortia	> for[ts]a	> for/s/a		<ç>	
pretium	> pre/ts/um	> pre/s/o		força	
platea	> pra/ts/a	> pra/s/a		preço	
				praça	
/t/		> /tj/		> /ts/	
pretiare	> pre/tj/ar	> pre/ts/ar		> /dz/	
		> pre/dz/ar		> /z/	
				prezar	
/-di-/		> /dz/		> /dž/	
hodie	> ho/dz/e	> ho/dž/e		> /ž/	
video	> v(e)/dz/o	> v(e)/dž/o		> ho/ž/e	
spongia	> (e)spon/dz/a	> (e)spon/dž/a		> ve/ž/o	
				> espon/ž/a	
				esponja	

1.2.1 Sobre os grupos consonantais

Grupos iniciais pl-, cl-, e fl- > *ch* ([tʃ]) — Estes grupos iniciais sofreram, num primeiro momento, uma palatalização do *l*, fenómeno que se produziu numa vasta zona que compreendia o galego-português, o leonês e o castelhano, e ainda um pequeno território situado entre a Catalunha e Aragão. Em castelhano, a consoante inicial caiu posteriormente, tendo restado o *l* palatal, transcrito *ll*; ex.: *plaga* > cast. *llaga*, *clave* > cast. *llave*, *flamma* > cast. *llama*. O mesmo aconteceu na parte oriental do leonês. Tod em galego-português e em leonês ocidental a evolução foi mais profunda: a consoante inicial seguida de *l* palatal deu origem à africada [tʃ], que foi transcrita em galego-português por *ch*, donde, para os três mesmos exemplos, *chaga* ([tʃaga]), *chave* ([tʃave]) e *chama* ([tʃama]). (...)

	<i>Latim</i>	<i>Galego-português</i>	<i>Castelhano</i>
	<i>plenu-</i>	<i>chêo</i>	<i>lleno</i>
PI-	<i>planu-</i>	<i>chão</i>	<i>llano</i>
	<i>plicare</i>	<i>chegar</i>	<i>llegar</i>
CI-	<i>clamare</i>	<i>chamar</i>	<i>llamar</i>
FI-	<i>flagrare</i>	<i>cheirar</i>	(não atestada)

2. Processos no quadro das “Nasais”

(i) “Queda” de [n] intervocálico (precedida de assimilação regressiva do traço nasal?):

CORONA	> *CORÕNA	> CORÕA
SENO	> *SÊNO	> SÊO
VERANU	> *VERÃNO	> VERÃO
LANA	> *LÃNA	> LÃA
VINO	> *VÎNO	> VÎO

(ii) Mudanças posteriores

(séculos XI a XII, segundo Teyssier)

(a) > perda do traço nasal

CORONA	> *CORÕNA	> CORÕA	> COROA
luna	> *lũna	> lũa	> lua
tenere	> *têner	> têer	> ter
arena	> *arêna	> arêa	> areia
generale	> *gêneral	> gêeral	> geral
moneta	> *mõneda	> mõeda	> moeda
bona	> *bõna	> bõa	> boa

> perda do traço nasal > epêntese de /i/ (terminação latina -eno/a)

SENO	> *SÊNO	> *SÊO	> SEO	> SEIO
vena	> *vêna	> vêa	> vea	> veia

(b) > conservação do traço nasal e...

> manutenção do encontro vocálico - ditongos (terminação latina -anu, -ane, -one):

VERANO	> *VERÃNO	> VERÃO
pane	> *pãnes	> pães
mansionie	> *mansiõnes	> mansões

> fusão com a tônica anterior:

LANA	> *LÃNA	> LÃA	> LÃ
mattiana	> *maçãna	> maçãa	> maçã
lana	> *lãna	> lãa	> lã
sonu	> *sõno	> sõo	> som
donu	> *dõno	> dõo	> dom
unu	> *ũnu	> ãu	> um
jejunu	> *jeiũnu	> jeiũu	> jejum
bene	> *bêne	> bêe	> bem

> palatalização (terminação latina -ino/a):

VINO	> *VÎNO	> VÎO	> VINHO
farina	> *farĩna	> farĩa	> farinha
molinu	> *mo(l)ĩno	> moĩo	> moinho

N.B.: "Fora destes casos, o -n- se explica por reconstituição (menos < meos, feno < feo, pena < pea); por influência literária (diácono < diago, cônego < cooigo); por introdução culta (fortuna, ameno, sereno, ruína)" (Coutinho, 1976.)

3. Resumo "Cronológico" das mudanças selecionadas

cf. Coutinho, Mattos & Silva, Teyssier
cf. ficha - "ciclos do português"

	<i>(latim)</i>	Hipóteses de mudanças anteriores à documentação escrita	I Associadas ao período de documentação escrita inicial (séc. XIII)	II Associadas à documentação clássica (XVI)	<i>grafias modernas</i>
[n] intervocálico latino	LANA VERANU	> *l[ã]na > *ver[ã]no	> l[ã]a > ver[ã]o	> l[ã] > ver[ã]o	<i>lã</i> <i>verão</i>
[l] intervocálico latino	DOLORE		> do[]or	> do[]r	<i>dor</i>
Palatalizações de velares e dentais latinas					
[k]_i,e > *[tj] > [tʃ] > [s]	[k], CIVITATE CENTO	>*[tj], *[tj]dade, *[tj]ento	> [tʃ], [tʃ]idade [tʃ]ento	> [s], [s]idade [s]ento	<c>, <i>cidade</i> <i>cento</i>
[g]_i,e > *[dj] > [dʒ] > [ʒ]	[g], GENTEM	>*[dj], *[dj]ente	> [dʒ], [dʒ]ente	> [ʒ], [ʒ]ente	<g>, <i>gente</i>
[t]_i,e > *[tj] > [tʃ] > [s] *[dj] > [dʒ] > [ʒ]	[t], PRETIUM PRETIARE	>*[tj], *pre[tj]um >*[dj], *pre[dj]are	> [tʃ], pre[tʃ]o > [dʒ], pre[dʒ]ar	> [s], pre[s]o > [ʒ], pre[ʒ]ar	<ç>, <i>preço</i> <z>, <i>prezar</i>
[d]_i,e > *[dj] > [dʒ] > [ʒ]	[d], HODIE	>*[dj], *ho[dj]e	> [dʒ], ho[dʒ]e	> [ʒ], ho[ʒ]e	<j>, <i>hoje</i>
Palatalizações de sibilantes latinas:					
[s]_y > [ʒ] [s]_e > [j]	[s], BASYUM RUSSEUM		> [ʒ], bei[ʒ]o > [j], ro[j]o	> [ʒ], bei[ʒ]o > [j], ro[j]o	<j>, <i>beijo</i> <x>, <i>roxo</i>
Palatalizações de grupos consonantais latinos					
[pl] > *[plj] > [ʝ] > [j] [kl] > *[klj] > [ʝ] > [j] [fl] > *[flj] > [ʝ] > [j]	[pl], PLUVIA [kl], CLAMARE [fl], FLAMMA	> *[plj], *[plj]uvia > *[klj], *[klj]amare > *[flj], *[flj]amma	> [ʝ], [ʝ]uva [ʝ]amar [ʝ]ama	> [j], [j]uva [j]amar [j]ama	<ch>, <i>chuva</i> <i>chamar</i> <i>chama</i>
Rotacismo de grupos consonantais latinos					
[pl] > [pr] > [pr], [pl] [cl] > [cr] > [cr], [pl] [fl] > [fr] > [fr], [pl]	[pl], PLACERE [kl], CLAVU [fl], FLACCU <i>mas</i> SIMPLICE CLEMENTIA FLOCCU		> [pr], [pr]azer > [cr], [cr]avo > [fr], [fr]aco <i>mas</i> > sim[pr]iz > [cr]emencia > [fr]oco	[pr]azer [cr]avo [fr]aco <i>mas</i> > sim[pl]is > [cl]emencia > [fl]oco	<pr>, <i>prazer</i> <cr>, <i>cravo</i> <fr>, <i>fraco</i> <pl>, <i>simples</i> <cl>, <i>clemência</i> <fl>, <i>floco</i>

cf. ANEXOS

Anexo 1: Apontamentos de fonética histórica

Anexo 2: “Notícia de Torto” - edição

Anexo 3: “Notícia de Torto” – comentário linguístico